

ARTE E HOSPITALIDADE:
UM PROTOCOLO

Hilan Bensusan¹

Para Raísa Curty

RESUMO

1 Pierre Klossowski em *Les lois de l'hospitalité* anuncia a força da curiosidade: uma anfitriã não se entrega jamais à suspeita ou à inveja porque ela é curiosa. A curiosidade conduz a hospitalidade. 2 Mesmo invisível, a arte tem um destino. Ela se destina a encontrar alguém, mesmo que não fale o seu nome. É o mesmo tipo de destino das portas, das entradas, das casas de pensão. Ela recebe. Ela é receptividade. Como um órgão da sensibilidade em construção. Receptividade é hospitalidade.

3. A arte é ela mesma o nome de um hotel. Ela abriga os descabidos – as pinturas que não prestam para oratórios e nem para laboratórios, as esculturas que não são cadeiras, as performances que não são liturgias, os textos que não são teses, as instalações que não são dispositivos. E abrigam os desvios das pinturas de oratório e laboratório, os desvios das esculturas que são cadeiras, os desvios das performances que são liturgias, os desvios dos textos que são teses e os desvios das instalações que são dispositivos. De toda parte pode vir a artista. De qualquer santo.

4 A hospitalidade é da natureza do pedido e do perdão – não há nada de compulsório em receber alguém, em atender a um pedido ou em perdoar – Klossowski diz: ela é acidental, mas é essencial para quem é nômade, estrangeiro (ou necessitado, ou arrependido).

5 A arte se intensifica quando se torna imperceptível.

Palavras-chave: Hospitalidade. Curiosidade. Nomadismo. Arte.

ABSTRACT

1 Pierre Klossowski in his *Les Lois de l'hospitalité* announces the power of curiosity: a hostess never surrenders to suspicion or envy because she is curious. Curiosity is what drives hospitality.

2 Even while invisible, art has a destiny. It is meant to meet someone even if it doesn't speak its name. It enjoys the same kind of fate (and of destination) as doors, entrances, pension houses. She is an organ of the senses that is not quite ready. She is a form of receptivity. Receptivity is hospitality.

3. Art is itself the name of a hotel. It houses the unreasonable - paintings that are not for oratories or laboratories, sculptures that are not chairs, performances that are not liturgies, texts that are not theses, installations that

¹ Professor de Filosofia da Universidade de Brasília. hilantra@gmail.com.

are not devices. They house the deviations of the oratory and laboratory paintings, the deviations of the sculptures that are chairs, the deviations of the performances that are liturgies, the deviations of the texts that are theses and the deviations of the installations that are devices. From everywhere may come the artist. Any saint or devil could find themselves mingling with art.

4 Hospitality is of the same nature of request and forgiveness - there is nothing compulsory about hosting someone, responding to a request or forgiving - Klossowski says: hospitality is accidental for those who host but it is essential for the nomad, or the foreigner (or the needy or the regretful).

5 Art reaches intensity when it becomes imperceptible.

Keywords: Hospitality. Curiosity. Nomadism. Art.

1 Pierre Klossowski em *Les lois de l'hospitalité* (KLOSSOWSKI, 1965) anuncia a força da curiosidade: uma anfitriã não se entrega jamais à suspeita ou à inveja porque ela é curiosa. A curiosidade conduz a hospitalidade.

1.1 Uma curiosidade que é ela mesma ciberneticamente positiva: ela não é para que o anfitrião saiba mais, veja de mais longe ou com mais precisão – ela conduz o anfitrião para fora de si. Klossowski: quando o anfitrião cessa de ser o mestre de sua casa, ele satisfaz sua missão.

1.1.1 Não se trata de buscar um conhecimento que, como uma espiral, trará ao anfitrião uma melhor condição. A curiosidade não entra em um circuito que se fecha ou que se amplia. Ela é kamikase, ela é potencialmente autodestrutiva.

1.2 Sem curiosidade as portas ficam fechadas, as escotilhas ao léu, os artefatos trancafiados em suas utilidades e todas as ações apenas buscam completar alguma coisa já começada. Sem curiosidade as portas ficam fechadas mesmo como toda a etiqueta do anfitrião, com todas as leis da hospitalidade.

1.3 Querer saber é da natureza do que existe – quem jamais saberá o que significa não saber nada, não querer saber nada, pergunta Georges Bataille (BATAILLE, 1949). (Talvez só o risco esteja à altura da natureza, ela também não protege ninguém.)

1.3.1 A curiosidade é o suplemento da existência. Mas o suplemento não é uma proteção. Também a nossa natureza nos coloca em risco, tal como a natureza dos felinos caçadores, dos peixes atraídos por corais, dos pássaros suicidas, dizia Rainer Maria Rilke. Suplementar é poder colocar tudo a per-

der. Apenas se a natureza contrasta com a sobrevivência a curiosidade é natural.

1.3.2 Uma natureza que está em guerra consigo mesmo é uma natureza que olha para fora. Realidade, existência, tempo presente são nomes de cárceres. Evadimos da Sua Realidade, evadimos de sua limitação, evadimos o plano de ser completo. Abaixo a realidade.

1.3.3 A curiosidade é uma força para fora, que traz o que está de fora sem perguntar se cabe.

1.3.3.1 O cabimento é o avesso da curiosidade.

1.3.3.2 Fazer caber é procurar completar.

1.3.3.3 O mundo sem cabimento é o mundo onde pode haver curiosidade em todas as situações, a cada momento – mesmo quando a pele dos glúteos está arrebatada pela mandíbula do leão. E mesmo quando os sopros de vida param em uma paisagem de artificios, a curiosidade zarpa.

2 Mesmo invisível, a arte tem um destino. Ela se destina a encontrar alguém, mesmo que não fale o seu nome. É o mesmo tipo de destino das portas, das entradas, das casas de pensão. Ela recebe. Ela é receptividade. Como um órgão da sensibilidade em construção. Receptividade é hospitalidade.

2.1 Uma exposição em uma galeria recebe o público. Ela tem sua etiqueta, eles têm sua etiqueta. Aparte disso, quem visita pode ter seu tempo ocupado e pode ter suas realidades demolidas. A hospitalidade é um encontro de infinitudes. Aparte disso, quem é visitado pode ter um público e pode ter sua medula interrompida. Arte é interrupção.

2.1.1 Arte é um exercício de curiosidade.

2.2 Arte é hospitalidade.

2.3 A sensibilidade ela mesma – afetar os outros ainda que de modo tardio, esquivo, oblíquo – é uma receptividade e uma hospitalidade (BENSUSAN 2021, cap. 3).

2.3.1 A arte não completa e nem supre, ela adiciona o imprevisto. Suplemento.

2.3.1.1 A arte é feita de insuficiência. Ela não preenche espaços vazios e nem continua sequências. Ela desvia o olho. Faço uma exposição para des-

viar o olho. Aliás, nada disso. Faço uma exposição para receber. O suplemento é da ordem da sugestão, do pedido e da insinuação. Ela não se encaixa. Há uma soltura, uma falta de *arché*. Há uma intriga de outras vozes, um terreno baldio. Ela é sobre ir-se. Mas ir-se é largar-se de si. Dar a largada. A curiosidade é o antídoto da suspeita e do ciúme. Ela não tem limite. Largar-se de si não tem limite.

2.3.2 A hospitalidade torna possível o nômade.

2.3.2.1 A arte é o nômade.

2.3.2.2 O utensílio quando ocorre de ser apenas utensílio – raras vezes – é o sedentário.

2.3.2.2.1 O sedentário no seu extremo nem precisa receber ninguém. Precisa apenas fazer com os que passam fiquem em seu quarto de hotel.

2.3.2.2.1.1 Um quarto de hotel pode ser uma galeria.

3. A arte é ela mesma o nome de um hotel. Ela abriga os descabidos – as pinturas que não prestam para oratórios e nem para laboratórios, as esculturas que não são cadeiras, as performances que não são liturgias, os textos que não são teses, as instalações que não são dispositivos. E abrigam os desvios das pinturas de oratório e laboratório, os desvios das esculturas que são cadeiras, os desvios das performances que são liturgias, os desvios dos textos que são teses e os desvios das instalações que são dispositivos. De toda parte pode vir a artista. De qualquer santo.

3.1 De qualquer santo pode vir o desvio. As artistas desviam de sua vida funcional. De sua órbita. Eles evadem, porque recebem.

3.2 Abrigar descabidos é olhar de soslaio. Olhar atravessado.

4 A hospitalidade é da natureza do pedido e do perdão – não há nada de compulsório em receber alguém, em atender a um pedido ou em perdoar – Klossowski diz: ela é acidental, mas é essencial para quem é nômade, estrangeiro (ou necessitado, ou arrependido).

4.1 A hospitalidade não é sobre reconhecimento, é sobre abrigo.

4.1.1 O pedido de hospitalidade não precisa dizer seu nome, ele se formula como um suplemento.

4.1.1.1 A arte não precisa dizer seu nome, ela se formula como um lado de fora.

4.1.1.1.1 A arte precisa de destinatários, mesmo sem ter o nome ou o endereço do remetente. Ela precisa de pouco para poder pedir muito.

4.2 O excesso é a delícia diária de tudo; Bataille mostra que ele é a parte maldita.

4.2.1 O suplemento é um excesso.

4.3 A hospitalidade vem de uma desigualdade de vulnerabilidades. Arte vem de outra. Ou da mesma.

4.3.1 Mas quando se vê o gesto, *hôte = hôte*, como em *La Soupe* de Picasso: quem oferece, quem recebe, quem aconchega, quem chega.

4.3.1.1 É claro que receber o perdão é um árduo. E é claro que a hospitalidade é como um bofetão que pode merecer revidar. Arte é o que dá vontade de fazer arte. (Uma bactéria enxertada de poemas – como aquela do *Xenotext* de Christian Bök, (BÖK, 2015) – produz mais poemas.) Trata-se de fazer a roda girar, numa mesma direção.

4.3.2 A arte não obriga a nada. Ela é da ordem dos serviços.

4.3.2.1 A arte é o nome do que não é compulsório.

4.3.2.1.1 Não é compulsório que a arte tenha o nome de arte.

4.3.2.1.1.1 O nome da arte é compulsório quando vira capital cultural de um colonizador, de um hegenonizador, de um impositor, de um impostor, de um cobrador de impostos...

4.3.2.1.1.1.1 A arte sem nome, a hospitalidade sem nome, são, como o sexo sem nome, muito mais próximos daquilo que são.

4.3.2.1.1.1.1.1 O nome de alguma coisa – e não os pronomes, os advérbios e as interjeições – rapta alguma coisa da coisa. O nome não é um *flatus vocis*, é um tiro na garganta das coisas. E a arte, que carrega um nome pesado porque é capital cultural e é capital, dá estes tiros na garganta da arte. A arte que não diz seu nome se dissolve no meio dos oceanos de suplementos de que são feitas a vida e o correr do tempo – que talvez sejam a mesma coisa, pelo menos enquanto não se dá a eles seu nome.

4.3.2.1.2 A arte tem outros nomes: talento, coragem, loucura, vidência, insistência, inapropriado, surpresa, ensaio para outro mundo.

4.3.2.1.2.1 Poderia se chamar bocó; Manoel de Barros: “Bocó é sempre alguém acrescentado de criança. Bocó é uma exceção de árvore. Bocó é um que gosta de conversar bobagens profundas com as águas. Bocó é aquele que fala sempre com sotaque das suas origens. É sempre alguém obscuro de mosca. É alguém que constrói sua casa com pouco cisco. É um que descobriu que as tardes fazem parte de haver beleza nos pássaros.”²

4.3.2.1.2.1.1 O bocó e a hospitalidade têm um mesmo lado.

4.3.2.1.2.1.1.1 A arte da galeria por vezes se parece à loucura confinada – o confinamento retira os extravagantes do convívio de seus conterrâneos e os deixa fechados em si mesmos sem delírio, sem subversão, sem invenção, sem vidência, sem bocós. Em um território sem bocós regem sempre os mesmos princípios e os mesmos príncipes.

4.3.2.1.2.1.1.2 A política do bocó é a política da minoria, sua questão é demográfica.

4.3.2.1.2.1.1.2.1 O hospício e a galeria são para poucos – não podem ser para todos. Já o inapropriado, ele pode aparecer por toda parte.

4.3.2.1.2.1.1.2.1.1 A arte pode ser elitista apenas quando diz seu nome.

4.4 As coisas para serem percebidas apresentam pedidos. Como os pedidos não precisam ser satisfeitos, perceber é responder e inventar e recriar. Mas a percepção não é compulsória.

4.4.1 Perceber demora tanto quanto receber. Georgia O'Keefe dizia que ninguém vê as flores, elas são pequenas e demandam tempo, ninguém tem este tempo, é o tempo que demanda um amigo. Olhar uma flor, parece, é um acidente. (Ainda que a flor precise ser olhada.)

4.4.1.1 Com a passagem dos dias em sua estadia na casa de Basília em Pucamayo, perto de Masha, Raísa Curty (CURTY, 2020) já está embrenhada entre as pessoas o suficiente para que algumas possam se relacionar com as roupas de letras nas ovelhas. Em Puca Mayu, como em qualquer parte, há excessos. E há gente excessiva, excessiva de toda sorte de excesso. Mas nenhum excesso é igual a nenhum outro. E um suplemento é como um outro dia, feito de alvorada nova já que os dias passados não se guardam a não ser em um dia que passa (e se guardam para um dia que ainda não passou).

² “Bocó”, in: BARROS (2018).

5 A arte se intensifica quando se torna imperceptível.

5.1 Deleuze e Guattari (DELEUZE & GUATTARI, 1980) escrevem que o imperceptível é o fim imanente do devir, sua fórmula cósmica. O imperceptível: não-figurativo, feito de invisibilidades, composto de pequenos deslocamentos.

5.2 A capacidade de confabular ou conspirar da arte se desmobiliza no seu nome. Ela é emoldurada pelo seu nome. Vestir ovelhas em uma montanha é uma desfiguração que poderia ficar sem nome. Sem nome, quem veste as ovelhas ou dorme em uma cama na beira do mar é insano ou inautêntico ou descabido. O nome da arte dá cabimento. Ela torna o gesto tolerável. Mas é preciso não abusar do *pharmakon*, aquilo que permite sua persistência, que o torna digerível, em doses maiores retira do gesto toda intrepidez. O nome da arte pode ser uma proteção, mas demasiada proteção pode ser a segurança – das galerias estabelecidas que dizem os seus nomes, dos museus, das mostras – que tira as garras do monstro. É melhor que a arte fique menos anunciada, menos emoldurada, menos exibida.

5.3 O imperceptível é o horizonte da absorção.

5.3.1 A performance se contrapõe ao teatro apenas no limite – e o limite não é que o sangue não é ketchup, mas que o palco é invisível. A teatricalidade, que Michael Fried (FRIED, 1980) opõe à absorção, é a arte que parece com a oração da igreja. O imperceptível é a reza no meio da rua.

5.4 A hospitalidade é acidental, não é ela que é conjurada com um nome. Já a estrangeira é aquela que vem sem sobrenome.

Referências Bibliográficas

BARROS, Manuel de. *Memórias inventadas*, Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

BATAILLE, Georges. *La part maudite*, Paris: Minuit, 1949.

BENSUSAN, Hilan. *Indexicalism – Realism and the metaphysics of paradox*, Edinburgh: Edinburgh University Press, 2021.

BÖK, Christian. *Xenotext – Book 1*, Toronto: Canada Council of the Arts, 2015.

CURTY, Raísa. *Ushas, Ovejas, Ovelhas* em <https://www.youtube.com/watch?v=bCZ4J58UjB4&t=5s>, acessado em 24 de maio de 2020.

DELEUZE, Gilles & Félix GUATTARI. *Mille Plateaux*, Paris: Minuit, 1980.

FRIED, Michael. *Absortion and and Theatricality: Painting and Beholder in the Age of Diderot*, Oakland: University of California Press, 1980

KLOSSOWSKI, Pierre. *Les lois de l'hospitalité*, Paris: Gallimard, 1965.